

COLLEEN HOOVER

Two birds with yellow and pinkish-orange plumage are shown in flight against a warm, orange-hued background. One bird is on the left, facing right, and the other is on the right, facing left. Their wings are spread, showing detailed feather patterns.

UMA SEGUNDA CHANCE

(REMINERS OF HIM)



Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Slammed

Métrica

Pausa

Essa garota

Série Hopeless

Um caso perdido

Sem esperança

Em busca de Cinderela

Em busca da perfeição

Série Nunca jamais

Nunca, jamais

Nunca, jamais: parte 2

Nunca, jamais: parte 3

Série Talvez

Talvez um dia

Talvez agora

O lado feio do amor

Novembro, 9

Confesse

É assim que acaba

Tarde demais

As mil partes do meu coração

Todas as suas (im)perfeições

Verity

Se não fosse você

Layla

Até o verão terminar

COLLEEN HOOVER

UMA
SEGUNDA
CHANCE

(REMINDERS OF HIM)

Tradução
Priscila Catão

1ª edição

— Galera —

RIO DE JANEIRO

2022

Preparação
Isabel Rodrigues
Revisão
Mauro Borges

Diagramação
Abreu's System
Título original
Reminders of him

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hoover, Colleen, 1979-
H759s
Uma segunda chance [recurso eletrônico] / Colleen Hoover ; tradução Priscila Catão. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2022.
recurso digital ; epub
Tradução de: *Reminders of him*
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-165-6 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II. Título.

22-77807

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Copyright © 2022 by Colleen Hoover

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente
para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-165-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Este livro é dedicado a Tasara.

SUMÁRIO

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Epílogo
Playlist de Kenna Rowan
Agradecimentos

CAPÍTULO UM

KENNA

Há uma pequena cruz de madeira fincada à beira da estrada, com a data da morte dele inscrita.

Scotty odiaria isso. Aposto que foi a mãe dele que a deixou aqui.

— Pode parar o carro?

O motorista desacelera e para o táxi. Saio e vou até o local onde está fincada a cruz. Balanço-a de um lado para o outro até a terra ao redor ficar mais maleável, depois a retiro do chão.

Será que ele morreu exatamente aqui? Ou será que foi na pista?

Não prestei atenção aos detalhes durante as fases iniciais do processo. Quando ouvi que ele tinha se arrastado para longe do carro por vários metros, comecei a cantarolar para não ouvir mais nada que o promotor fosse dizer. Depois, para não me sujeitar aos detalhes se o caso fosse a julgamento, me declarei culpada.

Porque, tecnicamente, eu era.

Posso não tê-lo matado com minhas ações, mas certamente o matei com minha falta de atitude.

Achei que você estivesse morto, Scotty. Mas pessoas mortas não se arrastam.

Volto para o táxi com a cruz na mão. Ponho-a no banco de trás, ao meu lado, e fico esperando o motorista retornar à pista, mas ele não retorna. Olho-o pelo espelho retrovisor, e ele está me encarando de sobrelance erguida.

— Roubar uma homenagem de beira de estrada deve atrair algum tipo de carma. Tem certeza de que quer levar isso aí?

Desvio o olhar e dou uma desculpa.

— Tenho. Fui eu que a coloquei ali.

Ainda sinto seu olhar me encarando enquanto ele volta para a pista.

Meu novo apartamento fica a apenas três quilômetros daqui, mas na direção oposta de onde eu morava antes. Não tenho carro, então decidi encontrar um lugar mais perto do centro desta vez para poder ir a pé até o trabalho — se é que vou conseguir um trabalho. Com meu passado e minha falta de experiência, vai ser difícil. E, de acordo com o taxista, o carma que devo estar carregando neste exato momento também não vai ajudar.

Roubar a homenagem a Scotty pode até me trazer um carma, mas alguém poderia argumentar que deixar uma homenagem para um rapaz que expressava verbalmente seu ódio por homenagens de beira de estrada também pode ter o mesmo efeito. Foi por isso que pedi ao motorista que fizesse um desvio por esta estrada secundária. Eu sabia que Grace devia ter deixado alguma coisa no local do acidente, e senti que devia a Scotty a remoção disso.

— Vai pagar no dinheiro ou no cartão? — pergunta o taxista.

Olho o taxímetro, tiro dinheiro e uns trocados da bolsa e lhe entrego depois que ele para. Então pego minha mala e a cruz de madeira que acabei de roubar, saio do táxi e caminho até o prédio.

Meu apartamento novo não fica em um condomínio. É só um prédio isolado com um estacionamento abandonado de um lado e uma loja de conveniências do outro. Uma janela do térreo está coberta por madeira de compensado. Tem latas de cerveja em vários níveis de decomposição sujando a propriedade. Chuto uma delas para que não fique presa nas rodinhas da minha mala.

O lugar parece ainda pior do que no anúncio on-line, mas era mais ou menos o que eu esperava. A proprietária nem mesmo perguntou meu nome quando liguei para saber se tinha algum apartamento disponível. Ela só disse: “Sempre temos. Traga dinheiro em espécie; estou no apartamento um.” Depois desligou.

Bato à porta do apartamento um, onde um gato me encara da janela. Ele está tão parado que me pergunto se não é uma estátua, mas depois ele pisca e se afasta de mansinho.

A porta se abre, e uma senhora baixinha me encara com uma aparência ranzinza. Está com bobes no cabelo e com uma mancha de batom que vai da boca até o nariz.

— Não quero comprar nada.

Encaro o batom manchado, percebendo a forma como ele se infiltra nas rugas ao redor da boca.

— Liguei na semana passada para saber do apartamento. A senhora disse que tinha um disponível.

A ficha cai no rosto de ameixa seca da senhora. Ela faz um *hum* enquanto me fita dos pés à cabeça.

— Não achava que você fosse assim.

Não sei como interpretar seu comentário. Desço os olhos para minha calça jeans e minha camiseta enquanto ela se afasta da porta por alguns segundos. Ela volta com um nécessaire.

— 550 dólares por mês. Os aluguéis do primeiro e do último mês devem ser pagos hoje.

Conto o dinheiro e lhe entrego.

— Não tem contrato?

Ela dá uma risada, enfiando o dinheiro no nécessaire.

— Você vai ficar no apartamento seis. — Ela aponta o dedo para o alto.

— Fica bem em cima do meu, então não faça barulho, porque eu durmo cedo.

— O que o aluguel inclui?

— Água e coleta de lixo, mas a conta de luz é por sua conta. A energia elétrica está ativa, você tem três dias para colocar a conta no seu nome. A taxa de energia custa 250 dólares.

Merda. Três dias para arranjar 250 dólares? Estou começando a questionar minha decisão de voltar tão rápido, mas, quando fui liberada da moradia provisória, eu só tinha duas escolhas: gastar todo o meu dinheiro tentando sobreviver naquela cidade ou me deslocar quinhentos quilômetros e gastar todo o meu dinheiro nesta aqui.

Prefiro ficar na cidade onde moram todas as pessoas que eram ligadas a Scotty.

A mulher recua um passo, entrando no próprio apartamento.

— Seja bem-vinda ao Paradise Apartments. Depois que se acomodar, te levo um gatinho.

Imediatamente coloco uma mão em sua porta, impedindo-a de fechá-la.

— Espera aí. Como é? Um gatinho?

— É, um *gatinho*. Tipo um gato, só que menor.

Me afasto da porta como se de alguma maneira o gesto fosse me proteger do que ela acabou de dizer.

— Não, obrigada. Não quero nenhum gatinho.

— Tem gatinhos de sobra aqui.

— Não quero nenhum gatinho — repito.

— Quem é que não gostaria de um gatinho?

— *Eu.*

Ela bufa, como se minha resposta fosse totalmente absurda.

— Vamos combinar o seguinte — diz ela. — Deixo a eletricidade do apartamento ativa por duas semanas se você pegar um gatinho. — *Que diabos de lugar é este?* — Tá bom — diz ela, reagindo ao meu silêncio como se ele fosse uma espécie de tática de negociação. — *Um mês.* Deixo a eletricidade ativa pelo mês inteiro se você ficar com um gatinho.

Ela entra no apartamento, mas deixa a porta entreaberta.

Não quero um gatinho de jeito nenhum, mas, em troca de não precisar pagar 250 dólares à companhia elétrica neste mês, eu toparia ficar com muitos gatinhos.

Ela reaparece com uma gatinha malhada, a pelagem preta e laranja, e a põe nas minhas mãos.

— Tome aqui. Meu nome é Ruth, caso precise de alguma coisa, mas tente não precisar de nada.

Ela começa a fechar a porta outra vez.

— Espera. Pode me dizer onde tem um orelhão?

Ela dá uma risadinha.

— Posso. Lá em 2005.

Então ela fecha a porta completamente.

A gatinha mia, mas não é um miado afetuoso. Parece mais um pedido de ajuda.

— Pois é, eu te entendo — murmuro.

Vou até a escada com minha mala e minha... gatinha. Talvez eu devesse ter esperado mais alguns meses antes de voltar para cá. Trabalhei até juntar pouco mais de dois mil dólares, mas gastei a maior parte disso com a mudança. Deveria ter juntado mais. E se eu não encontrar um emprego logo? E agora ainda tenho a responsabilidade de manter uma gatinha viva.

Minha vida acabou de se tornar dez vezes mais difícil do que era ontem.

Subo até o apartamento com a gatinha agarrada à minha camiseta. Ponho a chave na fechadura e preciso usar as duas mãos para puxar a porta e fazer a chave girar. Quando abro a porta do meu novo apartamento, prendo a respiração, com medo do cheiro que estou prestes a sentir.

Acendo a luz e dou uma olhada ao redor, expirando lentamente. Não tem

muito cheiro. O que é bom e ruim ao mesmo tempo.

Tem um sofá na sala de estar, mas é praticamente só isso. Uma sala de estar pequena, uma cozinha menor ainda, sem sala de jantar. Sem quarto. É uma quitinete com armário e com um banheiro tão pequeno que a privada encosta na banheira.

O apartamento é uma merda. Um muquifo de 45m², mas, para mim, já é um progresso. Depois de dividir uma cela de 10m² com outra pessoa, de viver numa moradia provisória com mais seis pessoas, tenho um apartamento inteiro de 45m² para chamar de meu.

Tenho 26 anos, e essa é a primeira vez que moro oficialmente sozinha em algum lugar... o que é, ao mesmo tempo, apavorante e libertador.

Não sei se vou conseguir pagar o aluguel daqui no fim do mês, mas vou tentar. Mesmo que isso signifique tentar arranjar emprego em todos os estabelecimentos comerciais que aparecerem na minha frente.

Ter meu próprio apartamento vai me ajudar quando eu for me explicar para os Landry. Vai mostrar que agora sou independente. Mesmo que essa independência seja difícil.

A gatinha quer descer, então a ponho no chão da sala. Ela anda pelos cantos, chamando quem quer que ela tenha deixado lá embaixo. Sinto um aperto no peito quando a vejo procurar alguma saída nos cantos do apartamento. Uma saída que a leve para sua casa. Para sua mãe e seus irmãos.

Ela parece um zangão ou algum tipo de fantasia de Halloween, com suas listras pretas e laranja.

— Que nome vamos te dar, hein?

Sei que é bem provável que ela passe alguns dias sem nome enquanto penso no assunto. Levo muito a sério a responsabilidade de dar nomes às coisas. Da última vez que estive encarregada de escolher o nome de alguém, foi a coisa que mais levei a sério na vida. Talvez porque, durante todo o tempo que passei sentada na minha cela durante a gravidez, eu não tinha nada para fazer além de pensar em nomes de bebês.

Escolhi o nome Diem porque, assim que me soltaram, eu sabia que voltaria até aqui e faria tudo o que pudesse para encontrá-la.

E cá estou eu.

Carpe Diem.

CAPÍTULO DOIS

LEDGER

Estou estacionando a picape no beco atrás do bar quando percebo que ainda tem esmalte nas unhas da minha mão direita. *Merda*. Esqueci que brinquei de salão de beleza com uma menina de quatro anos ontem à noite.

Pelo menos o roxo combina com o uniforme do trabalho.

Roman está jogando os sacos de lixo na caçamba quando saio do carro. Ele vê a sacola de presente na minha mão e deduz que é para ele, então estende o braço.

— Deixa eu adivinhar. Uma caneca de café?

Ele dá uma olhada dentro da sacola.

É uma caneca de café. Sempre é.

Ele não agradece. Ele nunca agradece.

Não mencionamos a sobriedade que as canecas simbolizam, mas compro uma para ele todas as sextas. É a nonagésima sexta caneca que lhe dou.

Talvez eu devesse parar, pois o apartamento dele está entulhado delas, mas já investi demais nessa história para desistir a essa altura do campeonato. Ele está sóbrio há quase cem semanas, e já faz um tempo que estou guardando a centésima caneca — um marco. É uma do Denver Broncos, o time de que ele menos gosta.

Roman gesticula na direção dos fundos do bar.

— Tem um casal lá dentro incomodando os outros clientes. É melhor ficar de olho neles.

Que estranho. Normalmente não precisamos lidar com pessoas descontroladas tão cedo assim. Não são nem 18h ainda.

— Onde eles estão sentados?

— Ao lado da jukebox. — Seus olhos se voltam para a minha mão. — Que unhas lindas, cara.

— Né? — Ergo a mão e balanço os dedos. — Para uma menina de quatro anos, ela mandou bem.

Abro a porta dos fundos do bar e me deparo com o som irritante da minha música preferida sendo assassinada por Ugly Kid Joe nos alto-falantes.

Não é possível.

Passo pela cozinha, entro no bar e avisto os dois na mesma hora. Estão encurvados sobre a jukebox. Me aproximo depressa e vejo que a mulher está apertando os mesmos quatro números sem parar. Olho a tela por cima dos ombros deles enquanto ambos riem como duas crianças travessas. Eles puseram “Cat’s in the Cradle” para tocar 36 vezes seguidas.

Pigarreio.

— Vocês acham isso engraçado? Acham engraçado me obrigar a ouvir a mesma música pelas próximas seis horas?

Meu pai se vira ao ouvir minha voz.

— Ledger!

Ele me puxa para um abraço. Está com cheiro de cerveja e de óleo de carro. E de limão, talvez? *Eles estão bêbados?*

Minha mãe se afasta da jukebox.

— Estamos tentando consertar. Não fomos nós que fizemos isso.

— É óbvio que não.

Puxo-a para abraçá-la.

Os dois nunca avisam quando vão me visitar. Eles simplesmente aparecem, ficam um, dois ou três dias e depois vão embora no trailer.

Mas isso de os dois chegarem bêbados é novidade. Olho por cima do ombro, e agora Roman está atrás do balcão. Aponto para os meus pais.

— Foi você quem fez isso com eles, ou eles já chegaram assim?

Roman dá de ombros.

— Um pouco das duas coisas.

— Estamos comemorando nossas bodas — diz minha mãe.

— Espero que não tenham dirigido até aqui.

— Não dirigimos — diz meu pai. — Nosso carro está com o trailer na oficina para uma revisão de rotina, então viemos de Uber. — Ele dá um tapinha na minha bochecha. — A gente queria te ver, mas ficamos duas horas esperando você aparecer, e agora vamos embora, porque estamos morrendo de fome.

— É por isso que é melhor vocês me avisarem antes de virem pra cá. Eu tenho meus compromissos.

— Você se lembrou das nossas bodas? — pergunta meu pai.

— Esqueci. Desculpe.

— Bem que eu falei — diz ele para minha mãe. — Passa a grana, Robin.

Minha mãe põe a mão no bolso e lhe entrega uma nota de dez dólares.

Eles fazem apostas para tudo. Minha vida amorosa. As datas comemorativas que vou lembrar. Todas as partidas de futebol americano que já joguei. Mas tenho quase certeza de que eles estão apenas passando, há muitos anos, a mesma nota de dez dólares um para o outro.

Meu pai ergue o copo vazio e o balança.

— Barman, traz mais uma aqui pra gente.

Pego o copo.

— Que tal água gelada?

Deixo os dois perto da jukebox e vou para trás do balcão.

Estou servindo água em dois copos quando uma garota entra no bar parecendo um tanto perdida. Ela dá uma olhada no local como se fosse sua primeira vez aqui, e, ao perceber um lugar vazio na outra ponta do balcão, caminha diretamente até ele.

Encaro-a o tempo todo enquanto ela atravessa o bar. Encaro-a tão concentrado que acabo acidentalmente enchendo demais os copos, fazendo água se esparramar por toda a parte. Pego um pano de prato e seco a bagunça que fiz. Quando me viro para minha mãe, ela está olhando para a garota. Depois para mim. Depois para a garota novamente.

Merda. A última coisa que eu quero é que ela tente me arranjar com uma cliente. Ela já adora dar uma de cupido quando está sóbria, então nem imagino o quanto essa sua tendência não deve piorar depois de alguns drinks. Preciso tirar os dois daqui.

Levo os copos de água até eles e entrego meu cartão de crédito para minha mãe.

— Vocês dois deveriam ir jantar no Jake's Steakhouse. É por minha conta. Vão a pé, assim o efeito da bebida passa no caminho.

— Você é tão bonzinho. — Ela põe a mão no peito dramaticamente e desvia o olhar para o meu pai. — Benji, nós o criamos tão bem. Vamos comemorar isso com o cartão de crédito dele.

— Pois é, nós o criamos bem mesmo — diz meu pai, concordando. — Deveríamos ter mais filhos.

— Menopausa, querido. Lembra quando passei um ano inteiro te odiando? Minha mãe pega a bolsa, e os dois levam consigo os copos de água ao dirigirem-se à saída.

— Já que ele vai pagar, vamos pedir filé de costela — murmura meu pai enquanto ambos se afastam.

Dou um suspiro de alívio e volto ao balcão. A garota está sentada em silêncio no canto, escrevendo algo em um caderno. Roman não está atrás do balcão, então imagino que ninguém tenha anotado o pedido dela ainda.

Eu me voluntario alegremente como tributo.

— O que deseja? — pergunto a ela.

— Uma água e uma Coca Diet, por favor. — Ela não me olha, então me afasto para trazer o pedido. Ela ainda está escrevendo no caderno quando volto com as bebidas. Tento dar uma olhada no que ela está escrevendo, mas ela fecha o caderno e ergue os olhos. — Obrigada...

Ela para no meio do que imagino que seja uma tentativa de dizer *obrigada*. Murmura a sílaba *da* e põe o canudo na boca.

Ela parece nervosa.

Quero lhe fazer algumas perguntas, como qual é seu nome e de onde ela é, mas ao longo dos anos como dono daqui fui aprendendo que perguntas para pessoas sozinhas num bar se transformam rapidamente em conversas impossíveis de conseguir cair fora.

No entanto, a maioria das pessoas que entra aqui não chama minha atenção como ela chamou. Gesticulo para seus dois copos e digo:

— Está esperando alguém?

Ela puxa os copos para perto de si.

— Não. Estou só com sede mesmo.

Ela desvia o olhar e se encosta no banco, aproximando-se do caderno e dedicando ao objeto plena concentração.

Entendo a indireta. Vou até a outra ponta do balcão para lhe dar privacidade.

Roman volta da cozinha e aponta a cabeça na direção da garota.

— Quem é ela?

— Sei lá, mas não está usando aliança, então não faz seu tipo.

— Palhaço.

CAPÍTULO TRÊS

KENNA

Querido Scotty,

A antiga livraria foi transformada em um bar. Dá pra acreditar nessa merda?

O que será que fizeram com o sofá onde a gente se sentava todos os domingos?

Juro que é como se a cidade inteira fosse um grande tabuleiro de Banco Imobiliário e que, depois que você morreu, alguém chegou, ergueu o tabuleiro e mudou todas as peças de lugar.

Nada mais é o mesmo. Tudo me parece estranho. Passei as últimas duas horas dando uma volta pelo centro, tentando absorver tudo. Estava a caminho do mercado quando me distraí com o banco em que a gente costumava tomar sorvete. Eu me sentei e fiquei observando as pessoas por um tempinho.

Todos parecem tão despreocupados nesta cidade. As pessoas daqui andam por aí como se o mundo delas não estivesse invertido — como se não estivessem prestes a cair da calçada e bater no céu. Elas apenas vão de um instante a outro, sem nem perceber as mães andando pelos cantos sem as próprias filhas.

Acho que eu não deveria estar num bar, especialmente na minha primeira noite de volta aqui. Não que eu tenha algum problema com álcool — aquela noite terrível foi uma exceção. Mas a última coisa que seus pais precisam saber é que parei num bar antes de passar na casa deles.

Mas achei que aqui ainda fosse a livraria, e livrarias costumam ter

café. Fiquei bem decepcionada quando entrei, pois tive um dia longo com a viagem de ônibus até aqui e depois o táxi. Eu estava a fim de mais cafeína do que vou conseguir em um refrigerante diet.

Talvez tenha café aqui no bar. Ainda não perguntei.

Eu provavelmente não deveria te contar isso, e prometo que a história vai fazer sentido antes de eu terminar a carta, mas uma vez beijei um agente penitenciário.

Fomos pegos no flagra, e ele foi transferido para outra prisão. Fiquei me sentindo culpada por ele ter se encrencado por causa do nosso beijo. Mas ele conversava comigo como se eu fosse uma pessoa, não um número, e, apesar de não sentir atração por ele, eu sabia que ele sentia atração por mim. Então, quando ele se aproximou para me beijar, retribuí. Foi minha forma de agradecer, e acho que ele sabia disso e aceitava. Fazia dois anos desde a última vez que você tinha me tocado, então quando ele me pressionou na parede e agarrou minha cintura, achei que sentiria algo mais intenso.

Fiquei triste quando não senti nada.

Estou te contando isso porque ele tinha gosto de café, mas um café melhor do que aquele servido na prisão. Ele tinha gosto daquele café caro de oito dólares do Starbucks, com caramelo, chantilly e cereja. Foi por isso que não interrompi o beijo. Não porque estava gostando do beijo em si, nem dele, nem da mão dele na minha cintura, mas porque estava sentindo falta de tomar café de gosto caro.

E de você. Sinto falta de café caro e de você.

Com amor,

Kenna.

— Quer mais um refrigerante? — pergunta o barman.

Suas tatuagens deslizam até entrarem por baixo das mangas de sua camiseta, que é de um tom roxo-escuro, uma cor que não se vê tanto na prisão.

Só quando eu estava lá que pensei nisso pela primeira vez, mas a prisão é sem cor e sem graça, e, depois de um tempo, a pessoa começa a se esquecer da aparência das árvores no outono.

— Vocês têm café? — pergunto.

— Temos, sim. Quer com creme e açúcar?

— Tem caramelo? E chantilly?

Ele joga o pano de prato por cima do ombro.

— Lógico! Quer leite de soja, desnatado, de amêndoas ou integral?

— Integral.

O barman dá uma risada.

— Eu estava brincando. Aqui é um bar; tem o café que foi preparado quatro horas atrás, e você pode escolher entre açúcar, creme, os dois ou nenhum dos dois.

A cor da camisa dele e a maneira como ela complementa o tom de sua pele já não me impressionam mais. *Babaca.*

— Pode trazer o que tiver — murmuro.

O barman se afasta para pegar meu café básico da prisão. Fico observando enquanto ele tira a jarra da cafeteira e a aproxima do nariz para cheirá-la. Ele faz uma careta e derrama a bebida na pia. Abre a torneira enquanto enche de cerveja o copo de um cara enquanto prepara uma nova jarra de café enquanto fecha a conta de outra pessoa e enquanto sorri apenas o necessário, mas não demais.

Nunca vi alguém se mover com tanta fluidez, como se tivesse sete braços, três cérebros e todos funcionassem ao mesmo tempo. É hipnotizante observar alguém que é bom no que faz.

Não sei no que eu sou boa. Não sei se existe alguma coisa neste mundo que eu faria com tanta naturalidade.

Eu *quero* ser boa em algumas coisas. Quero ser uma boa mãe — para os filhos que eu tiver no futuro, mas principalmente para a minha filha que já nasceu. Quero ter um jardim onde eu possa plantar coisas. Coisas que vão desabrochar, e não morrer. Quero aprender a conversar com os outros sem ter vontade de desdizer toda palavra que sai da minha boca. Quero ser boa em sentir coisas quando um rapaz toca a minha cintura. Quero ser boa na vida. Quero que a vida pareça fácil, mas até o momento dificultei demais todos os aspectos dela.

O barman volta até mim quando o café fica pronto. Observo-o enquanto ele enche a caneca, e desta vez realmente assimilo sua aparência. Seu tipo de beleza deveria repelir uma garota que está tentando conseguir a guarda da filha: ele tem olhos que parecem já ter visto demais e mãos que provavelmente já bateram em um ou outro cara por aí.

O cabelo dele é fluido, assim como seus movimentos. Mechas longas e

escuras alcançam seus olhos e se movem na mesma direção em que ele se move. Ele não toca no próprio cabelo; não fez isso nenhuma vez desde que me sentei aqui: ele apenas deixa as mechas o atrapalharem, mas balança a cabeça uma vez ou outra com o mais sutil dos movimentos, e então seu cabelo vai para onde ele quer. É um cabelo grosso, um cabelo agradável, um cabelo do tipo quero-minhas-mãos-no-seu-cabelo.

Agora minha caneca está cheia de café, mas ele ergue o dedo e diz:

— Um segundo. — Ele se vira, abre um frigobar e tira de lá uma caixa de leite integral. Serve um pouco na caneca. Guarda o leite, abre uma geladeira e... *surpresa*, chantilly. Ele estende o braço para trás e, quando sua mão reaparece, está segurando uma única cereja que é cuidadosamente colocada em cima da minha bebida. Ele desliza a caneca para perto de mim e abre os braços como se tivesse acabado de fazer um truque de mágica. — Não tem caramelo — diz ele. — Foi o melhor que deu para fazer em uma não cafeteria.

Provavelmente ele acha que acabou de preparar uma bebida metida a besta para uma patricinha acostumada a tomar cafés de oito dólares todos os dias. Não faz a mínima ideia de há quanto tempo não tomo um bom café. Mesmo nos meses em que passei na moradia provisória, eles serviam café da prisão para as moças da prisão que tinham passado um tempo na prisão.

Eu poderia até chorar.

E *realmente* choro.

Assim que ele volta sua atenção para uma pessoa do outro lado do bar, tomo um gole do café, fecho os olhos e choro, porque a vida pode ser cruel e difícil pra cacete, e quantas vezes já não quis deixar de vivê-la, mas momentos como este me lembram de que a felicidade não é aquele estado permanente que todos estamos tentando alcançar na vida — é apenas algo que aparece de tempos em tempos, às vezes em doses minúsculas que bastam para nos fazer seguir em frente.

CAPÍTULO QUATRO

LEDGER

Sei o que fazer quando uma criança chora, mas, quando é uma adulta, já é outra história. Fico o mais longe possível enquanto ela toma o café.

Não descobri muita coisa a seu respeito desde que ela chegou aqui uma hora atrás, mas tenho certeza de que ela não veio encontrar ninguém. Veio para ficar sozinha. Três homens tentaram puxar papo com ela na última hora, e ela ergueu a mão e os rejeitou sem fazer contato visual com nenhum deles.

Ela tomou o café em silêncio. Ainda são 19h, então talvez ela esteja apenas se preparando para as bebidas mais fortes. Eu meio que espero que não. Estou intrigado com a ideia de que ela veio até um bar para tomar bebidas que raramente servimos enquanto rejeita homens para os quais nem sequer olhou.

Roman e eu somos os únicos trabalhando aqui, até Mary Anne e Razi chegarem. O bar está começando a ficar mais movimentado agora, então não posso dar a ela a atenção que eu gostaria, ou seja, *toda* a minha atenção. Faço questão de me manter afastado o bastante para não dar a impressão de que estou invadindo demais seu espaço.

Assim que ela termina o café, sinto vontade de perguntar o que ela quer tomar em seguida, mas em vez disso a deixo ali com a caneca vazia por uns dez minutos. Talvez eu consiga aguentar até quinze antes de ir até ela.

Enquanto isso, apenas lanço olhares furtivos em sua direção. Seu rosto é uma obra de arte. Queria que houvesse um quadro dele na parede de algum museu, para que eu parasse em frente e o encarasse pelo tempo que quisesse. Em vez disso, consigo só dar uma espiada ou outra, admirando como as mesmas partes de um rosto que compõem todos os outros rostos do mundo

simplesmente parecem se complementar melhor nela.

É raro as pessoas irem a um bar no início de uma noite de fim de semana vestindo-se de forma tão simples, mas ela não está toda produzida. Está vestindo uma camiseta desbotada com estampa da Mountain Dew e calça jeans, mas o verde da camiseta combina tão perfeitamente com o verde dos seus olhos que é como se ela tivesse se empenhado ao máximo para encontrar a cor perfeita de camiseta, mas tenho certeza de que ela nem sequer pensou nisso. Seu cabelo é castanho-avermelhado, a cor uniforme, potente, e o comprimento logo abaixo do queixo. Ela passa as mãos nele de vez em quando, e sempre que faz isso parece que está prestes a cair em prantos. Sinto vontade de dar a volta no balcão, erguê-la e abraçá-la.

Qual é a história dela?

Não quero saber.

Não preciso saber.

Não fico com nenhuma garota que conheço aqui no bar. Já descumpri essa regra duas vezes e paguei um preço alto por isso.

Além disso, ela tem algo de assustador. Não sei exatamente o que é, mas, quando converso com ela, parece que minha voz está presa dentro do meu peito. E não é como se ela me deixasse sem ar, é de uma maneira mais relevante, como se meu cérebro estivesse me dando um alerta para não interagir com ela.

Alerta vermelho! Perigo! Pare!

Mas por quê?

Fazemos contato visual quando vou pegar sua caneca. Ela não olhou para mais ninguém durante a noite, somente para mim. Eu deveria me sentir lisonjeado, mas, na verdade, isso me assustou.

Já fui jogador profissional de futebol americano e sou dono de um bar, mas estou com medo de olhar nos olhos de uma garota bonita. Eu deveria é colocar isso no meu perfil do Tinder: *Fui jogador dos Broncos. Sou dono de um bar. Morro de medo de contato visual.*

— Algo mais? — pergunto.

— Vinho. Branco.

É difícil achar um equilíbrio entre ser dono de bar e se manter sóbrio. Quero que todos fiquem sóbrios, mas, ao mesmo tempo, preciso de clientes. Sirvo a ela uma taça de vinho e a ponho na sua frente.

Fico perto dela, fingindo usar um pano de prato para enxugar os copos que estão secos desde ontem. Percebo o lento movimento da sua garganta

enquanto ela encara a taça, quase como se não tivesse certeza se deveria beber. A fração de segundo de hesitação, ou talvez de arrependimento, já é o suficiente para que eu pense que talvez ela tenha problemas com álcool. Sempre consigo perceber quando as pessoas estão abrindo mão da sobriedade pela maneira como elas olham para o copo.

Beber só é uma atividade estressante para alcoólatras.

No entanto, ela não toma o vinho: pelo contrário, bebe o refrigerante em silêncio até a última gota. Estendo a mão para pegar o copo vazio no mesmo momento que ela.

Quando nossos dedos se encostam, sinto mais alguma coisa presa dentro do meu peito além da minha voz. Talvez sejam algumas batidas a mais do meu coração. Talvez seja um vulcão em erupção.

Seus dedos se afastam dos meus e ela põe as mãos no colo. Tiro o copo de refrigerante vazio de perto dela e também a taça cheia de vinho, e ela nem me olha para perguntar por que fiz isso. Em vez disso, ela suspira, como se talvez estivesse aliviada por eu ter levado o vinho. Por que o pediu, então?

Encho o copo de refrigerante outra vez e, quando ela não está olhando, derramo o vinho na pia e lavo a taça.

Ela fica tomando o refrigerante por um tempo, mas não volta mais o olhar na minha direção. Talvez eu a tenha chateado.

Roman percebe que estou encarando a moça. Ele apoia o cotovelo no balcão e diz:

— Divórcio ou morte?

Roman sempre gosta de adivinhar os motivos pelos quais as pessoas vêm para cá sozinhas e ficam parecendo deslocadas. Ela não parece estar aqui por causa de um divórcio. Quando é esse o caso, as mulheres costumam comemorar indo a bares com um grupo de amigas, usando faixas que dizem “Ex-Esposa”.

Essa garota parece triste, mas não de uma maneira que indica luto.

— Acho que é divórcio — diz Roman.

Não respondo. Não me parece certo tentar adivinhar sua tragédia, pois espero que não seja divórcio, nem morte, nem um dia ruim. Eu desejo coisas boas a ela, porque a minha impressão é que nada de bom lhe acontece há muito, muito tempo.

Paro de encará-la enquanto vou atender os outros clientes. Faço isso para lhe dar privacidade, mas ela aproveita para deixar dinheiro no balcão e sair furtivamente.

Fico olhando o banco vazio e a nota de dez dólares por vários segundos. Ela foi embora e não sei seu nome, não conheço sua história e não sei se um dia a verei novamente, então aqui estou eu dando a volta no balcão, atravessando o bar depressa e indo até a porta por onde ela acabou de sair.

O céu está pegando fogo quando chego ao lado de fora. Protejo a vista, esquecendo o quanto a luz sempre é agressiva quando saio do bar antes de anoitecer.

Ela se vira bem na hora em que a vejo. Está a cerca de três metros de mim. Não precisa proteger os olhos porque o sol está logo atrás, contornando sua cabeça como se houvesse um halo acima dela.

— Deixei o dinheiro no balcão — diz ela.

— Eu sei.

Nós nos entreolhamos por um instante de silêncio. Não sei o que dizer. Fico apenas parado, como um bobo.

— Então o que foi?

— Nada — digo.

Mas imediatamente penso que gostaria de ter dito “*tudo*”.

Ela me encara, e nunca faço isso, *não devia* fazer isso, mas sei que se a deixasse ir embora eu não conseguiria tirar da cabeça a garota triste que me deu uma gorjeta de dez dólares quando tenho a impressão de que ela não tem condições de me dar gorjeta nenhuma.

— Você devia voltar aqui às 23h.

Não lhe dou chance de negar nem de explicar por que não poderia vir. Volto para o bar, esperando que meu pedido a deixe curiosa o suficiente para voltar mais tarde.

CAPÍTULO CINCO

KENNA

Estou sentada num colchão inflável com minha gatinha sem nome, refletindo sobre todas as razões pelas quais não devo retornar àquele bar.

Não voltei para esta cidade para conhecer cara nenhum. Nem mesmo caras tão bonitos quanto aquele barman. Estou aqui pela minha filha, só isso.

Amanhã vai ser um dia importante. Amanhã preciso me sentir hercúlea, mas o barman, sem querer, fez com que eu me sentisse fraca quando levou minha taça de vinho. Não sei o que ele viu na minha expressão que o fez tirar o vinho de mim. Eu não ia beber. Pedi apenas para sentir um certo controle ao *não* tomá-lo. Queria olhá-lo e cheirá-lo e então deixá-lo de lado me sentindo mais forte do que quando me sentei.

Agora estou me sentindo transtornada porque ele viu a forma como olhei para o vinho mais cedo, e a maneira como ele levou embora a taça me faz pensar que ele acha que estou atualmente enfrentando algum problema com álcool.

Não tenho. Há anos não tomo nenhuma bebida alcoólica, porque uma noite de bebedeira somada a uma tragédia arruinaram os últimos cinco anos da minha vida, e os últimos cinco anos da minha vida me trouxeram de volta a esta cidade, e esta cidade me deixa angustiada, e a única coisa capaz de me acalmar é fazer coisas que me dão a sensação de que ainda estou no controle da minha vida e das minhas decisões.

Era por isso que eu queria rejeitar o vinho, cacete.

Agora não vou dormir bem. Não tenho nenhum motivo para me sentir realizada, pois ele fez com que eu me sentisse o completo oposto disso. Se eu quero dormir bem hoje, preciso rejeitar alguma outra coisa que eu queira.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma segunda chance"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).